



Vivência alimentar no território indígena Kógũnh Já Mã - Campo Largo, PR: resgate de conhecimentos tradicionais e intercâmbio cultural

*Agroecology and food security in the indigenous territory of Kógũnh Já Mã -
Campo Largo, PR: rescuing traditional knowledge and cultural exchange*

CECCON, Marcela Rebelo; SCHIPIURA, Fabio Fernando; LORENZETTI, Emi
Rainildes; DIAS, Igor Barros Ferreira

Instituto Federal do Paraná - Campus Campo Largo, marcela.rcecon@gmail.com; Instituto Federal
do Paraná - Campus Campo Largo, fabioschipiura@gmail.com; Instituto Federal do Paraná -
Campus Campo Largo, emi.lorenzetti@ifpr.edu.br; Instituto Federal do Paraná - Campus Campo
Largo, igor.dias@ifpr.edu.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: O trabalho destaca a importância de conhecimentos populares relacionados à utilização de insumos tradicionais para melhorar a qualidade e a diversidade alimentar das comunidades indígenas. A vivência faz parte de um programa de extensão universitária que objetiva catalogar e promover o intercâmbio cultural intergeracional, consolidando técnicas agrícolas tradicionais kaingang. Diante deste objetivo, após a identificação de plantas de interesse alimentar no território, foi proposta uma vivência, na qual foram demonstradas técnicas de preparo alimentar. A atividade contou com 40 pessoas, com uma programação que integrasse o participante das realidades enfrentadas pela comunidade indígena, considerando uma contextualização da situação atual, trilha guiada, histórias relacionadas aos principais alimentos, apresentação e posteriormente degustação de pratos tradicionais kaingang. A atividade proporcionou intensa troca de conhecimentos entre a comunidade indígena e visitantes.

Palavras-Chave: diversidade alimentar; etnia Kaingang; saberes tradicionais.

Contexto

Primeiramente, é importante ressaltar aqui a grande mudança na alimentação dos povos indígenas, tornando-a cada vez mais semelhante à dos não indígenas. Antes do contato com os não indígenas, a alimentação indígena era composta por diferentes combinações de caça, pesca, agricultura (com exceção de alguns grupos) e coleta de produtos silvestres, como frutos, mel e raízes. No entanto, após o contato, eles começaram a consumir alimentos desconhecidos ou não utilizados anteriormente, incluindo novas espécies vegetais e animais. Além disso, foram introduzidos alimentos processados, como açúcar, óleo, pão, bolachas e enlatados (GARNELO, 2012). A recuperação da diversidade alimentar tradicional indígena é de extrema importância por diversos motivos, como a ampliação de acesso a nutrientes para uma dieta equilibrada e sustentável, a valorização da identidade cultural e o incentivo à autonomia das comunidades pela redução de dependência de alimentos industrializados.

A experiência descrita neste relato ocorreu no atual Território Indígena Kógũnh Já Mã, antigo Parque Histórico do Mate, localizado no bairro Rondinha, município de Campo Largo, Paraná, Brasil. A ocupação do parque pelas famílias indígenas Kaingang começou em abril de 2022, após a retomada de terras pelo movimento organizado indígena. Em 9 de agosto de 2022, foi formalizada a autorização precária de uso da área, permitindo que o espaço fosse utilizado para moradia, agricultura e promoção de atividades culturais e artesanais pela população da ocupação.



Essa experiência faz parte de um projeto de extensão intitulado "Agroecologia e segurança alimentar no território indígena Kógũnh Já Mã - Campo Largo,PR", realizado por estudantes e professores do Curso de Tecnologia em Agroecologia do IFPR Campus Campo Largo em parceria com a comunidade indígena Kaingang da aldeia Kogun Já Má. O objetivo principal do projeto é catalogar, resgatar e promover o intercâmbio cultural intergeracional, especialmente no campo agroecológico, desenvolvendo registros, trocas de saberes e consolidando técnicas de cultivo agrícola e medicinal tradicionais Kaingang.

As ações realizadas no projeto envolvem o levantamento cultural alimentar, a catalogação de técnicas agrícolas e das espécies vegetais/animais existentes no território, a identificação das pessoas detentoras dos conhecimentos alimentares e medicinais, e o relacionamento dialógico com a comunidade indígena.

Dentro desse contexto, foi organizada uma vivência no Parque Histórico do Mate em 25 de março de 2023. Essa vivência teve como objetivo apoiar e desenvolver melhores condições de vida para os indígenas residentes, interagir com a comunidade local, promover o conhecimento sobre a vida dos povos indígenas, conservar e revitalizar o parque, além de promover o intercâmbio cultural com a comunidade local.

Descrição da Experiência

A metodologia utilizada envolveu o levantamento cultural alimentar, a catalogação de técnicas agrícolas e das espécies vegetais existentes no território e o relacionamento dialético com a comunidade indígena. Como parte do propósito foi organizada uma vivência alimentar.

A vivência foi preparada pela comunidade indígena Kaingang, pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA), pelos estudantes e servidores do IFPR Campus Campo Largo. A ação foi financiada pelo valor do ingresso e contou com a participação de 40 visitantes além dos membros da comunidade indígena. O valor proposto como ingresso foi destinado integralmente para atividades definidas pela comunidade que pudessem melhorar suas condições de vida.

Durante a vivência, os visitantes eram recebidos pelos estudantes e encaminhados para um espaço de rituais espirituais. Nesse local, os indígenas recebiam e conversavam com os participantes. Foi realizada uma cerimônia do fogo, pinturas corporais indígenas e apresentação de danças e canções tradicionais. Houve também trocas de saberes sobre a luta dos indígenas. Uma demonstração da técnica do rapé, utilizada como medicina tradicional na cultura Kaingang, também foi realizada (figura 1).

Para apresentar as técnicas alimentares da comunidade Kaingang, foram utilizados alimentos como farinha de milho, canjica e pães cozidos de palmito, além de plantas alimentícias não convencionais (PANCs) nativas que possuem propriedades medicinais tradicionais. Esses alimentos foram preparados segundo as tradições indígenas e posteriormente oferecidos ao público para degustação. Destacou-se a importância da erva mate na cultura kaingang, através da contação de histórias.

Na segunda parte do evento, após o almoço, foram realizadas atividades recreativas interagindo com crianças, visitantes e membros da comunidade local. Os participantes foram convidados a conhecerem a área do parque, através de trilhas educativas. Além disso, houve a apresentação dos artesanatos locais, destacando-se as cestas feitas com palha e bambu (figura 2).



Como resultado dessa experiência, destacam-se a intensa troca de saberes entre os visitantes e os indígenas, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais tão importantes para a Agroecologia. A transmissão do conhecimento milenar indígena promoveu a desmistificação de preconceitos e estereótipos, além de proporcionar educação ambiental. Essa vivência indígena teve um impacto significativo na desconstrução de pré-concepções e na promoção da valorização cultural e ambiental.

A experiência foi um passo importante para a consolidação do projeto de extensão, fornecendo subsídios para o registro e preservação dos saberes indígenas relacionados à agricultura e medicina tradicionais. Além disso, promoveu a interação entre a comunidade indígena Kaingang, o IFPR Campo Largo e a comunidade local, fortalecendo os laços culturais e contribuindo para a promoção de uma produção alimentar mais diversificada e sustentável.



Figura 1: Márcio Cocói, durante cerimônia religiosa, demonstrando o uso do o rapé.



Figura 2: exposição do artesanato - cestos de palha e bambu - produzido pela comunidade indígena kaingang.



Resultados

A vivência no Parque Histórico do Mate, organizada por membros e colaboradores do Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) do IFPR Campus Campo Largo, propiciou aos visitantes um ambiente de troca de saberes, no qual foram compartilhadas as lutas e histórias dos indígenas, contribuindo para a preservação de suas narrativas culturais. Um dos focos principais foi a valorização da alimentação tradicional, exemplificada pela preparação e degustação de pratos à base de farinha de milho e palmito, resgatando e celebrando a culinária indígena. Além disso, devido a estreita relação do povo indígena Kaingang com a erva-mate, a elaboração e contação da história e dos usos pelos indígenas dessa planta puderam ser ressaltados.

Ao proporcionar esse espaço de intercâmbio, a vivência se configurou como um agente de desconstrução de estereótipos, como a ideia de que os povos indígenas são/ estão isolados, primitivos, marginais ou presos a um passado distante. Ao compartilhar suas lutas, histórias e conhecimentos, os membros da comunidade desafiaram a ideia de isolamento, mostrando como estão ativamente envolvidos nas questões contemporâneas e como mantêm uma forte conexão com sua herança ancestral. Adicionalmente, a vivência desempenhou um papel significativo na apresentação da comunidade para a região de Campo Largo, destacando-a como um foco de resistência do movimento indígena. Aproximar a comunidade dos indígenas também era algo esperado com a vivência, até para encurtar a grande existência que havia entre os dois mundos. Já há alguns anos os conflitos entre os habitantes e o poder público do município com os indígenas era notado, especialmente nos inúmeros problemas ocorridos com despejos de áreas municipais devido a inexistência de uma “casa de passagem”, ou seja, um local destinado a abrigar os indígenas que comercializam artesanato de maneira nômade, residindo pouco tempo em cada lugar.

Esse evento também reforçou o elo entre a comunidade Kaingang e a agroecologia. As ações de catalogação, resgate de técnicas agrícolas e o diálogo constante com a comunidade foram pilares para consolidar uma relação benéfica entre os princípios agroecológicos e as práticas tradicionais dos Kaingang, enriquecendo ambas as perspectivas e promovendo uma abordagem de sustentabilidade que respeita a cultura e a natureza.

Todo o entendimento obtido para elaboração da vivência reforça cada vez mais o papel dos saberes tradicionais na construção de um conhecimento agroecológico dialógico.

Agradecimentos

Aos indígenas da comunidade Kógũnh Já Mã por sempre permitirem o diálogo e as trocas de saberes, demonstrando o quão importante é o saber tradicional no sentido da construção de cidadãos mais conscientes e verdadeiramente inteirados com a luta pela construção das identidades do Brasil.

Referências Bibliográficas

GARNELO, Luiza(Org.). Saúde Indígena: uma introdução ao tema. / Luiza Garnelo; Ana Lúcia Pontes (Org.). - Brasília: MEC-SECADI, 2012. 280 p. il. Color. (Coleção Educação para Todos) ISBN 978-85-7994-063-7